

1ª PARTE

HOMENAGENS

AMIGO POETA:

Noemi Elisa Aderaldo

Horácio Dídimo permanece, na verdade, uma espécie de “Guardador de Rebanhos” para tal vocacionado, que se distingue pelos seus atos cotidianos e dons de Poeta.

É, já mesmo, através da sua Poesia, que ele, em princípio, se distingue, pois a autenticidade da mesma incorpora a busca do Divino, expressa na Bondade e na Simplicidade.

Tanto nos seus Atos como na sua Poesia, Horácio parece ver Deus com a pureza e a alegria do Menino, ao qual se dedica, e no qual se metamorfoseia.

Quando, normalmente, já estaria cansado, resolve manifestar sua compaixão pela Humanidade ensinando o que julgava fundamental, e então ministra um curso com o nome de Pai Nosso, em que nos orienta para o desprendimento das coisas temporais e para atingir algo sublime, que provém do despojamento do dar-se, do entregar-se integralmente a algo maior.

E então confunde-se a Obra com o Autor, tão autenticamente ele nela transparece.

A delicadeza das imagens mais lembra uma renda de alianças urdida no Além de nós com a arte do Espírito.

Já sua escolha sobre o estudo da Literatura Infantil nos leva ao caminho da pureza e da alegria, que ele trilhou.

É um Poeta da Serenidade, do Sonho e da Bem-aventurança, que anteviu para o Homem.

Não lhe interessa o aparecer para seus semelhantes, mas o ser descoberto pelo Alto, e ser, pelo menos, um dentre os tantos escolhidos.

Ele une a Inteligência ditada pela Cultura com a Inteligência ditada pelo Coração.

Aliás, é essa “Inteligência ditada pelo Coração”, e com o apanágio da Cultura, que fundamentalmente perfaz, numa síntese perfeita, o Ser, a Vida e a Obra dessa Personalidade tão extraordinária pela sua raridade, mas tão acessível pela sua naturalidade e pela sua humildade.

Dentre outras coisas originalidade derivada da espontânea e encantadora Simplicidade horaciana que permeia todo o seu Ser e toda a sua Vida, de uma forma incomparável para quem o conhece é atributo que o revela mais que outro qualquer, e que aureola a sua proverbial Sabedoria.

Afinal, como pode ser tão simples uma natureza tão rica, e por isso mesmo tão complexa? Não é paradoxal? Mais parece a prevalência de especial e merecida Graça.